

## RESENHAS

Maria Antonieta Pereira<sup>1</sup>

SOUZA, E. M. de, MIRANDA, W. M. (Org.). *Navegar é preciso, viver: escritos para Silviano Santiago*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG; Salvador: EDUFBA; Niterói: EDUFF, 1997.

A Editora da Universidade Federal de Minas Gerais vem se destacando no cenário cultural do país ao publicar obras de reconhecido interesse, não só para o mundo acadêmico, mas também para um público mais amplo, dedicado a atividades de pesquisa, de comunicação e de crítica literário-jornalística. A obra *Navegar é Preciso, Viver* (1997) – cujo subtítulo, *escritos para Silviano Santiago*, revela uma homenagem ao escritor e crítico brasileiro – é um bom exemplo desse trabalho editorial. Organizado por Eneida Maria de Souza e Wander Melo Miranda, professores da UFMG, em parceria com a EDUFBA, de Salvador, e a EDUFF, de Niterói, o livro conta com a participação de intelectuais de todo o país e assim cumpre também uma importante função: a de efetivar um recenseamento das perspectivas críticas da atualidade brasileira.

Dividida em três partes, na primeira delas, a obra edita depoimentos sobre a vida e a obra de Silviano Santiago, na segunda parte, apresenta diversas reflexões críticas inspiradas na produção do ensaísta-escritor e, na terceira, oferece uma coleção de estudos que dialogam com a sua obra. A homenagem a Silviano funciona como uma amostra de seu próprio pensamento crítico, à medida que se pauta pela heterogeneidade. Nela encontramos “Em Liberdade”, de Lélia Coelho Frota, que remete ao relato mais famoso do romancista, através de um texto-poema “co-assinado por R.M. Rilke”, cujos versos são réplicas do próprio pensamento de Silviano Santiago. Dessa forma, em “O barulho do mundo não deixa/que escutemos a voz do vivido”, murmura toda a discussão desencadeada pelo ensaísta sobre a polêmica questão relativa às distinções entre experiência e vivência.

Quanto aos depoimentos, podemos ler em “Um mineiro de Formiga”, de Ezequiel Neves, ou “Elogio de Silviano Santiago”, de Francisco Iglésias, a estreita relação entre o homenageado e os acontecimentos culturais da Belo Horizonte dos anos 50, até o inevitável fenômeno da diáspora que atingiu a toda uma geração de intelectuais mineiros. O intenso périplo do escritor pelo mundo, detalhado no texto de Antônio Torres intitulado “Viagem com Silviano a Paris, Frankfurt, Munique, Berlim, Copacabana, Ipanema, Leblon” mostra as experiências multiculturais que, aos poucos, comporiam sua visão de mundo enquanto espaço de convivência simultânea entre o transnacional e o local.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG/Belo Horizonte.

O texto “Improvisado em abismo para homenagem”, de Italo Moriconi, estabelece uma produtiva relação entre os romances *Em Liberdade*, de Silviano Santiago, e *Respiração Artificial*, de Ricardo Piglia, mostrando como ambos estabelecem novos paradigmas de produção ficcional, especialmente no que tange às relações entre história e História. Ivete Lara Camargos Walty, no texto “O eu migrante: crítica e ficção em *Viagem ao México*”, ao apontar como esse romance-ensaio é “o espaço de um duelo de monstros: Artaud e Silviano; francês, brasileiro, mexicano e cubano; colonizador e colonizado”, indica também a crise identitária do objeto literário e do sujeito que o engendra, no Brasil contemporâneo.

As perspectivas críticas desencadeadas pela obra de Silviano ressoam, ainda, em textos tão diferentes entre si como “Montaigne no Brasil: a viagem de Jean de Léry”, de Ana Lúcia Almeida Gazolla, “O crítico e seu não-lugar”, de Luiz Costa Lima, e “Da mortalha de Alzira ao esquife de Aluísio”, de Marisa Lajolo. A participação de dezenas de colaboradores de todo o país, a multiplicidade temática e formal, o alto nível teórico dos textos e a linguagem intimista de outros transformam essa obra numa publicação importante não só pela homenagem ao pensador: ela passa a constituir uma espécie de acervo, muito útil para os estudiosos de sua obra, e também um roteiro do pensamento crítico do Brasil finissecular.

A Editora da UFMG também tem se preocupado em divulgar entre nós alguns importantes títulos internacionais, como *Os cinco paradoxos da modernidade*, de Antoine Compagnon. A reflexão interdisciplinar promovida por essa obra aponta a Modernidade como o espaço de quatro paradoxos fundamentais:

- 1) culto melancólico do sempre novo – fato que desencadeia um processo incessante de produção de ruínas, conforme foi apontado por Baudelaire;
- 2) posicionamento das vanguardas estéticas no sentido de transformar o futuro em objeto de veneração e ao mesmo tempo desenvolver narrativas ortodoxas;
- 3) manutenção da crítica e da auto-crítica como fundamento da arte moderna, embora tais práticas nunca tenham produzido a arte canonizada pela própria Modernidade;
- 4) distanciamento cada vez maior entre arte de massa e arte de elite, apesar da crítica aos conceitos de obra original e artista-gênio.

A mesclagem dessas contradições resulta, atualmente, no beco sem saída do quinto paradoxo: a ruptura da arte com o moderno resulta no paradoxo de se manter a tradição moderna da ruptura. Indispensável para todos aqueles que pretendem compreender a produção artística e cultural do final do século XX, a obra de Compagnon constitui um minucioso levantamento dos impasses a que levaram, nos tempos modernos, as relações entre arte e teoria crítica, cultura de massa e de elite, novidade e antiguidade.

Resenhas

Se uma das formas de navegar pelo hipertexto de valores, linguagens e identidades em crise é a produção teórica, torna-se fundamental a circulação de obras que permitam a existência desse exercício intelectual. Os títulos da Editora da UFMG, ao definirem a importância dos projetos editoriais da atualidade, também sugerem que *navegar é preciso*, inclusive porque o pensamento crítico cada vez mais terá que *viver*, no sentido de proporcionar a análise dos instáveis acontecimentos contemporâneos, por meio da elaboração de objetos teórico-culturais.

SARLO, Beatriz. *La máquina cultural: maestras, traductores y vanguardistas*. Buenos Ayres: Planeta, 1998. 296p.

Em *La máquina cultural – maestras, traductores y vanguardistas*, lançado em Buenos Aires em 1998, Beatriz Sarlo<sup>2</sup> transgride novamente as fronteiras de gênero quando, no lugar do discurso solene do ensaio, propõe uma fecunda mesclagem entre narrativa e pensamento crítico. Explorando a intimidade dos relatos pessoais, o livro aborda três importantes eventos que mostram a história cultural da Argentina, ao final do século XIX e durante o século XX, sob o prisma da formação da nacionalidade.

A primeira narrativa, intitulada “Cabezas rapadas y cintas argentinas”, é constituída por fragmentos de lições destinadas ao público escolar infantil e também por reflexões da professora Rosa del Río. Nascida em 1883, filha de imigrantes italianos e atuando como professora ou diretora em escolas pobres de Buenos Aires, Rosa desenvolve uma intensa atividade de ajustamento de si própria e dos alunos a um ideal de argentinidade. Nessa pedagogia, a escola deveria servir como “templo de la patria”: local de veneração das imagens de San Martín, Belgrano, Moreno, Rivadavia e Sarmiento. Construir a nacionalidade encerrava, contudo, certos paradoxos: a cabeça das crianças deveria, literalmente, sofrer intervenções culturais, seja sob a forma de uma depilação completa para evitar “bichos muy asquerosos”, seja recebendo uma delicada fita em que as cores azul e branco recordavam a pátria.

No segundo relato, cujo título é “Victoria Ocampo o el amor de la cita”, desenvolve-se uma espécie de balanço da atuação dessa intelectual no início do século XX. Em *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*, Beatriz Sarlo já afirmara que, ao fundar a revista *Sur*, Ocampo tinha sido a primeira mulher a tomar uma iniciativa cultural-institucional que afetava “destinos intelectuales masculinos”.

<sup>2</sup> Beatriz Sarlo é professora de Literatura Argentina na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Dirige, desde 1978, a revista *Punto de Vista*. Obras: *El imperio de los sentimientos* (1985), *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930* (1988), *La imaginación técnica: sueños modernos de la cultura argentina* (1992), *Escenas de la vida posmoderna* (1994), *Borges, un escritor en las orillas* (1995), *Instantáneas* (1996), *Ensayos argentinos: de Sarmiento a la vanguardia* (1997).

Opinião semelhante está presente em *La máquina cultural*, quando as atividades tradutoras de Victoria Ocampo são vistas como importante estímulo às trocas culturais entre a Argentina periférica e a metrópole europeia. Contudo, nessa segunda abordagem, Beatriz Sarlo destaca episódios em que a paixão tradutória se torna vacilante e a construção do sentido passa a configurar um campo de batalha entre o nacional e o estrangeiro. Privilegiando os equívocos lingüísticos entre Ocampo e autores como Rabindranath Tagore, Keyserling e Valéry, Sarlo mostra o desconforto de uma intelectual latino-americana que se depara com a impossibilidade de tradução completa entre culturas.

O começo do terceiro relato – chamado “La noche de las cámaras despiertas” – lembra uma história de suspense: “Lo que voy a contar parece realmente muy extraño. Sin embargo sucedió.” É a narrativa que se segue é, no mínimo, muito curiosa. Decididos a lutar contra a censura com que a Universidad Nacional del Litoral ameaçava seu próprio Instituto de Cinematografía, vinte portenhos ligados à área do cinema produziram, da noite para o dia, um “manifesto fílmico de vanguarda”, constituído por meia dúzia de curtas em 16 mm, rodados febrilmente num estúdio improvisado. No entanto, apresentadas no dia seguinte, em grande ato público de Santa Fé, as cenas irreverentes das películas – entre as quais havia Omar Sharif caracterizado como Che Guevara – foram vistas como uma provocação de reacionários “vendidos à Coca-cola”. A impossibilidade de diálogo entre a vanguarda estética e a vanguarda política exacerbou o *happening* cinematográfico, cujo último ato foi a auto-destruição dos filmes, gravados sobre película reversível.

Em entrevista a Graciela Speranza (*Clarín*, Buenos Aires, 09/04/98), Beatriz Sarlo define o trabalho desenvolvido em *La máquina cultural* como uma “atenção dispersa sobre o mundo simbólico”. Trocado em miúdos, isso significa ultrapassar os limites do ensaio acadêmico e dedicar-se também à crítica cultural. Para Sarlo, trata-se de utilizar o que aprendemos, lendo os complexíssimos discursos da literatura, para ler o mundo extra-literário. Tal deslocamento é que permite à autora apontar tradutores, mestres e vanguardistas como sujeitos que elaboram um conceito de nacionalidade, seja através da reprodução ou da refutação de mundos imaginados.

A melhor imagem para ilustrar esse processo pode ser retirada da própria obra de Sarlo, quando ela descreve o curta-metragem de Luis Zanger, que mostrava uma máquina de escrever e alguém datilografando um roteiro de filme:

O roteiro que se escrevia na máquina era o do filme que se estava filmando ... lia-se o roteiro completo que ia desenvolvendo justamente o que se via na tela ... Tomada um: se introduz uma folha de papel em uma máquina de escrever e se começa a escrever ‘tomada um: se introduz uma folha de papel’ etc. Todo o curta consistia de um plano fixo da máquina de escrever, das duas mãos e de detalhes intercalados do que se ia escrevendo.

*Resenhas*

Dobrada sobre si mesma, a película relembra o claustro a que se tem destinado a alta cultura. Contudo, paradoxalmente, também colabora na expansão do sentido à medida em que nela contracenam a tela e o texto, o que favorece a recepção da cultura de elite por um público mais amplo. Assim, um texto sobre um filme torna-se o próprio filme e, mais tarde, volta a ser texto na obra de Beatriz Sarlo. Azeitada, a máquina cultural vai produzindo versões de versões, dissensos e diferenças e, nesse sentido, provocando e renovando as narrativas sobre o conceito de nacionalidade.

